ORAÇÃO

CONGRATULATORIA.

ORAÇÃO
CONGRATULATORIA

PRONUNCIADA NA FESTIVIDADE,

QUE FIZERÃO

O PRESIDENTE, CONEGOS, E BENEFICIADOS

DA

BASILICA DE SANTA MARIA

NO DIA 24 DE SETEMBRO

EM ACÇÃO DE GRAÇAS AO ALTISSIMO

PELA FELIZ RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL,

E POR ELLES DADA AO PUBLICO,

E OFFERECIDA

A' NAÇÃO PORTUGUEZA.

SEU AUTHOR

JOÃO MARIA SOARES DE CASTELLO-BRANCO,

CONEGO EM A MESMA BASILICA DE SANTA MARIA,
DEPUTADO ORDINARIO DO SANTO OFFICIO,
ETC.

LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA.
ANNO 1808.

COM LICENÇA.

2
KS

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

DEspedaçarão-se em fim os duros e pezados grilhões, com que maniatados ao carro do tyranno, accrescentávamos a pompa feroz de seu ensanguentado triunfo. Já elle não nos dicta suas barbaras leis: já restituidos ao doce Governo de nosso Principe legitimo, temos seguras as vidas, e os bens. Nós somos livres e felizes; e já o tigre sequioso de sangue humano não se deleita com o espectaculo de nossa miseria. Aos tristes ecos da dor e desesperação, tem succedido suaves sons de alegres hymnos, e acções de graças ao Deos bemfeitor, cuja Mão poderosa nos tem salvado de tantos males. Com prazer e alegria corremos comvosco aos pés do

3
KS

Throno do Altissimo a desempenhar esta parte de nossos deveres, communs a todos os Christãos: mas outra nos resta, particular a nós mesmos, e assás importante. Na qualidade de Ministros do Senhor, Depositarios de suas santas Doutrinas, nós devemos instruir-vos em as verdades, que possão conduzir-vos á felicidade: o tempo he chegado, em que nossas vozes devem ouvir-se em toda a parte, para desviar de vós as desgraças, que vos ameação ainda. Eis-aqui pois o que nos leva a offerecer-vos esta producção do trabalho, e do zelo de hum nosso Collega, amante como nós da vossa felicidade. Felizes nós, se com isto concorremos para o bem da Patria! E sem duvida o conseguiremos, se abraçando os sãos dictames, que vos offerecemos, desempenhardes perfeitamente as obrigações de Christãos, e Cidadãos. Então podereis insultar a colera do tyranno; e a Europa, que acaba de ver com dor vossa desgraça, verá com pasmo reproduzidos em vós nossos antigos Heroes.

Então he que em perfeita segurança, ao abrigo de toda a perseguição, poderemos felicitar-vos de vossa completa liberdade, e clamar comvosco

VIVA A RELIGIÃO:

VIVA NOSSO PRINCIPE:

VIVA A NAÇÃO PORTUGUEZA.

ORAÇÃO CONGRATULATORIA.

Eu levantei minha voz para o Senhor Deos do Universo, e elle se dignou ouvir-me: no meio de minhas maiores tribulações invoquei o Altissimo, e não fui enganado.

Ps. 76.

ASsim exclamava o Santo Rei David em os transportes da sua gratidão, quando já livre das afflicções, e crueis cuidados que o devoravão, se achava restituido á doce paz, e tranquillidade de seu espirito, e dava ao Mundo inteiro hum testemunho do excesso da misericordia Divina, da força de seus auxilios. Mas com quanta mais razão não devemos nós exclamar com elle, nós que reduzidos ao mais duro captiveiro, nos viamos privados de todas as consolações da vida, e ameaçados dos mais horriveis males! Nós por quem

Deos a ba de fazer ver seu poder immenso, a quem remio pela força de seu braço omnipotente!

, E na verdade, Senhores, que magnifico espectáculo he este, que hoje se offerece a nossos olhos! Quanto he grande o poder daquelle, que tendo seu Throno acima do Firmamento, marchando sobre as estrellas, dahi dicta leis á natureza inteira, e decide os destinos das Nações! Quanto são bellas as obras, em que brilhão sua infinita misericordia, e immensa bondade! Eu vejo hum Povo pouco antes dessolado, abatido, curvado com o pezo enorme de sua propria miseria, banhado em suas lagrimas, exprimindo sua dor com os mais agudos gemidos, correndo ás cegas a procurar em vão hum asilo contra os crueis verdugos, que o perseguem, bem como se tresmalha o timido rebanho, quando o voraz lobo ahi tem introduzido o terror, e o espanto. Que prodigiosa mudança! Eu vejo agora este mesmo Povo respirando a mais doce alegria, a satisfação, prazer, o contentamento, pintados em seus semblantes, acolher-se debaixo destas abobedas sagradas, correr aos pés do Throno do Altissimo, dirigir-lhe as vozes do mais vivo reconhecimento, como a seu unico Libertador, sua doce Esperança, sua terna Consolação. Não, não he mais tocante a alegria

dos fatigados naufragos, quando lutando longo tempo com as ondas, os ventos, e as tempestades, beijão finalmente a terra, que felizmente os recebeo; nem he mais bella a vista da terna, e dessolada mãi, quando recebe a vida com a repentina chegada do querido filho, que lastimava morto. Tratava-se de pagar á natureza hum tributo, que cedo ou tarde ella deve exigir: porém nós nos viamos condemnados a huma vida miseravel, mais dura que a mesma morte, por isso que são mais longos seus tormentos.

Grande Moderador do Universo, Deos de toda a beneficencia, pois que as offrendas dos fracos mortaes sobem em cheiro de suavidade até o celestial aposento da vossa Magestade eterna, e que vós vos dignais de recebellas; nós vos offerecemos, Senhor, os tributos do nosso reconhecimento; nós exaltaremos vosso Santo Nome; nós publicaremos vossas grandes maravilhas. Sim, Senhores, confessemos que o Deos, que visivelmente nos tem assistido em todas as circunstancias mais perigosas, e arriscadas, he o mesmo que tocado de nossa miseria, que sensivel a nossas lagrimas, a nossos gemidos, hoje nos quer libertar, hoje nos protege. Mas que palavra pronunciei eu, que naturalmente deve excitar em vossos corações os mais vivos sentimentos de indignação, de raiva, e de furor!

Será possivel que até os ultimos periodos de nossas idades nos esqueçamos dos males, que temos soffrido, quando se nos promettia proteger ! Será possivel que nossos netos mesmos ouvindo nossa triste historia, deixem de possuir-se do justo horror, que ella inspira !

Ah ! rasgue-se o véo das iniquidades. Fugi deste lugar sagrado, perfida mentira, vil lisonja, vãs considerações humanas. Graças ao Deos poderoso, já não he tempo de temer o monstro, que largando a mascara da hypocrisia, odiado de todas as Nações, consumido, devorado de sua propria, mas impotente raiva, talvez em breve exhalará com a vida o veneno, com que nutre dentro em si o desprezo de tudo que he sagrado, de tudo que os seculos mais remotos sempre respeitárão; o veneno, com que alimenta o odio á humanidade, a perfidia, a ambição, em huma palavra, todos os vicios mais crueis, e infames. Vós sabeis de quem vos fallo, e sem que seja necessario repetir vos hum nome execravel em todas as historias futuras, bem como elle o he entre nós; hum nome, que mancharia minha lingua, offenderia vossos pios ouvidos, e indigno de repetir-se á face do Deos vivo, vós o tereis já reconhecido á pintura, que vos tenho feito, esse vil impostor, que Deos sem duvida

tem suscitado, como instrumento da sua justiça, para castigar as iniquidades dos homens.

Com effeito o genero humano se havia corrompido, até fazer-se abominavel aos olhos do Creador, contra quem se rebellára de hum modo o mais extraordinario. Deos do alto do seu Throno considerava as iniquidades dos homens, e os deixava submergir em o abysmo, que elles mesmos se tinhão aberto. De absurdo em absurdo, de desvario em desvario elles esgotárão todos os meios de prevaricação, sem encontrarem em seus delirios mais do que desgraça, miseria, e tribulação; até que hum raio de luz da razão rompe o véo espesso, que as paixões desenfreadas havião estendido, e nós começamos a sentir a futilidade de nossas esperanças, quando ellas não tem por fundamento o Deos Supremo, author unico de toda a felicidade. He então que nós invocamos o Altissimo, que jámais nos engana, que sempre misericordioso, sempre prompto a nos receber com os braços abertos, quando a elle sinceramente recorremos, nos estende sua Mão poderosa, nos presta sua protecção omnipotente.

Mas tanto he differente esta protecção, sempre benefica, sempre saudavel, daquella que costumão prestar os homens; tanto são

tambem differentes os meios de a merecer, e conseguir. O homem ambicioso, cruel, e fraudulento, tal como aquelle, de quem ha pouco acabámos de soffrer o pezado jugo, só attento a conseguir seus fins detestaveis, indifferente sobre a escolha dos meios, ou seja necessario calcar montões de cadaveres sacrificados a seus caprichos, ou reduzir á ultima miseria Nações inteiras, hum similhante monstro não concede hum surriso favoravel, senão áquelle, que entrando em seus proprios pensamentos, marchando como elle de crime em crime, vilmente se lhe associa, e lhe prepara os caminhos para realizar seus malvados projectos. E assim mesmo como he a dependencia que estabelece o favor, quando aquella acaba, este logo desapparece.

Mas Deos, fonte e origem de toda a virtude, santo por essencia, assim como inimigo do vicio, e da maldade, jámais póde mostrar-se favoravel senão áquelle, que com hum coração recto marcha em os caminhos da justiça. Se algumas vezes no meio de sua cólera, sempre justa, elle se faz ver irritado contra os homens, e despede sobre elles os raios terriveis de sua vingança, não ha outro meio de o applacar, e de attrahir sua misericordia, e protecção, senão hum verdadeiro arrependimento das iniquidades commettidas, huma

perfeita, e absoluta resignação em suas santas vontades. Com taes meios cada hum póde estar seguro da protecção Divina, com a qual chegará a vencer os maiores e mais difficultosos obstaculos, com tanto porém que seja constante na pratica destes meios, e não despreze aquelles, que a prudencia humana exige; pois seria temeridade presumirmos merecer tanto á Divindade, que em nosso favor ella houvesse de forçar as leis naturaes, que huma vez estabeleceo para governo do Universo.

Eis-aqui pois como insensivelmente eu tenho traçado o methodo, que deverei seguir em o Discurço, que vou dirigir-vos por occasião da mais augusta de todas as ceremonias, do mais sagrado, e ao mesmo tempo o mais bello de nossos deveres para com a Divindade, qual he tributarmos ao Creador as graças pelos beneficios recebidos. Fazer-vos aborrecer o icio e o crime por meio de suas tristes consequencias; mostrar-vos os favores especiaes, ue deveis á Divindade; ensinar-vos o modo de vos mostrardes agradecidos; chamar-vos ao caminho da virtude e da honra, ao cumprimento de vossos deveres, como Christãos, e como Cidadãos; tal he hoje meu officio, que praza a Deos que eu cumpra como devo, e a vós convém. Por tanto breves reflexões sobre as causas moraes, que encadeá-

rão os acontecimentos extraordinarios de nossos dias, e fazião quasi inevitaveis as tristes circunstancias, em que ha pouco nos achámos, vos farão sem duvida detestar os loucos tresvarios da imaginação humana, e esse fatal amor da novidade, origem e causa de nossas desgraças. O modo maravilhoso, e inesperado, com que conseguimos livrar-nos de tão horriveis males, como os que acabamos de soffrer, vos fará ver a protecção de Deos sobre este Paiz. Depois eu passarei a mostrar-vos qual deve ser vossa conducta em esta nova ordem de cousas; como he que deveis corresponder aos beneficios da Divindade; o que he que de vós exige Deos, a razão, a justiça, e a Patria.

Ao tratar tantas, tão novas, e tão vastas materias, que multidão de idéas vem em tropel offerecer-se á minha imaginação! E a pezar de todo o escrupulo na escolha, eu não poderei ter a brevidade, que faz o primeiro agrado do Discurso. Mas a importancia dos objectos, vosso proprio interesse, e vossa benignidade supprirão ao que em mim faltar, proprio a attrahir vossas attenções.

DEpois de huma longa revolução de Seculos, em que os loucos mortaes procurando sempre a felicidade, sempre se enganárão em os meios de a conseguirem, chegou finalmente hum tempo feliz, em que o cruel fanatismo deixando de exercer sobre a melhor parte da terra seu tyrannico imperio, cessárão tambem as duras e sanguinosas guerras, que elle suscitava, e que tantas vezes tinhão assolado os mais florescentes Paizes. Os costumes se havião adoçado; os homens respiravão menos o sangue, e os combates; e os Soberanos das Nações cultas conhecendo que sua verdadeira grandeza não consistia em augmentar o numero das desgraçadas victimas de sua tryannia, mas sim em fazer felizes os Povos, que voluntariamente lhe obedecião, abandonárão por fim o espirito de conquista, e a feroz ambição desta especie de gloria tão fatal á humanidade. Tal era o brilhante triunfo da razão sobre as paixões. A Europa gozava em paz dos doces fructos desta reforma; e se guma ligeira nuvem de tempos a tempos manchando o brilhante de nosso horizonte, trazia alguma leve tempestade, ella era em breve dissipada, não deixando apôs de si mais do que pequenos estragos, que poucos annos bastavão a curar. Mas desgraçada contradicção das cousas humanas! Esta mesma paz, que fazia florescer as Artes, as Scien-

cias; que aperfeiçoava todos os estabelecimentos uteis ao homem; que estendia os limites da razão, era a mesma que ajuntava os materiaes do volcão, que devia rebentar hum dia, para abrazar com suas torrentes inflammadas os mais distantes Paizes.

A imaginação do homem não tem limites: sempre activa, sempre infatigavel, ella corre em hum momento os mais longos espaços; nenhum embaraço, nenhuma difficuldade a detem, ella devora os objectos, que lhe servem de alimento. Assim quando vanglorioso de ter roubado á natureza alguns de seus mysterios, que lhe erão occultos, o homem se persuade de que he capaz de entrar em o Sanctuario das mais reconditas verdades, e larga as rédeas ao seu pensamento; que absurdos, que desvarios, se a sã razão, a santa Religião não vem em seu auxilio, e se o homem não presta hum ouvido docil a seus dictames! Do exame da natureza insensivelmente se passa ao de seu Author; e logo que se tem posto hum pé atrevido em estas veredas, aonde não he licito ao fraco mortal penetrar, senão guiado pela luz da Fé, e da Revelação, a imaginação do homem então perdida, e desgarrada chega até pôr em problema a existencia da Divindade, só por que elle não a póde comprehender. He então que o louco Filosofo se julga feliz, he en-

tão que elle pensa ter feito á humanidade o mais relevante serviço, quando desmentindo o testemunho de todos os Seculos, de todas as Nações, do Mundo inteiro, da sua propria consciencia, elle grita com huma voz impostora, *não ha Deos:* quando destruindo todas as barreiras, nada encontra que o ligue aos deveres da decencia, da honestidade, da virtude, e da justiça; e quebrando todos os freios, soltando todas as paixões, faz da terra huma habitação de horror, igual ao inferno, aonde não póde haver paz, nem quietação, nem concordia, nem felicidade.

Destes principios vem em consequencia o desprezo dos deveres sociaes, das Leis, e do Soberano; pois aquelle que não reconhece superior em os Ceos, mal póde sobre a Terra obedecer a quem lhe he por natureza igual. Insoffrido ao menor jugo, que por seu proprio interesse se lhe impõe, cada individuo se erige em rigido censor, para tornar em ridiculo as disposições do Governo, e julgal-as conforme suas paixões e interesses. Assim se inverte a ordem, e se dissolvem os laços da sociedade, faltando o respeito, a devida subordinação dos subditos para com o Imperante e a Lei; e este uniforme concurso de todas as vontades para o mesmo e unico fim da sociedade, que vem a ser, a segurança e felicidade dos individuos que a compõe, pe-

los meios que o governo, a razão, e a justiça lhe prescrevem.

Taes forão as tristes consequencias do pertendido adiantamento do espirito humano; e taes são tambem os principios, de que abundão os escritos dos chamados Filosofos do seculo passado (1). Forão elles que espalhando lentamente o veneno de taes doutrinas entre huma Nação inconstante por caracter, e ambiciosa de novidades, preparárão a revolução da França, que desgraçadamente appareceo em nossos dias. Ah! que horrivel catastrofe! Vós o sabeis: a imaginação tem pena a comtemplar os horrores, os crimes, que inundárão esse bello Paiz. Huma vez rotos os laços da sociedade, que ligavão os Cidadãos a seus respectivos deveres, a decencia, a honestidade, a virtude, a justiça, o respeito da Divindade, a santa Religião;

---

(1) De cousa nenhuma se tem até aqui abusado tanto, como da Filosofia; e nenhum abuso tem sido mais fatal ao genero humano. Feita para tornar os homens felizes, apoiando-se sobre a razão e a experiencia, ao contrario a Filosofia moderna, filha do orgulho, os tem feito desgraçados, alterando todas as noções dos deveres sociaes, e corrompendo todos os principios da moral. Seria bem para desejar, que huma tal Filosofia fosse banida de entre nós. No meio da Grecia filosofa, Sparta não o era: os costumes de Sparta erão propostos por modelo a toda a Grecia. Hoje todos tem a mania de filosofar: as virtudes são bem raras. Mas o tempo he chegado, em que as desgraças devem ensinar os homens: já os Apostolos modernos da revolução da França forão victimas de sua mesma doutrina; já elles recebêrão todos o digno preço de suas lições filosoficas.

para dizer tudo, os mesmos sentimentos da natureza, aquelles sentimentos, que nos são communs com as proprias feras, tudo desappareceo em hum momento, para dar lugar á desenvoltura, ao odio, á inveja, á perfidia, á ambição, a todos os vicios mais crueis e infames. Hum Soberano amavel por sua humanidade, respeitavel não só por sua dignidade, mas ainda mais por ser o ramo de huma Familia Augusta, que havia tantos Seculos, que dominando sobre aquella Nação, trabalhava por a fazer feliz; este desgraçado Monarca ultrajado de todas as maneiras, arrancado do mais brilhante Throno da Europa, para ser arrastrado a huma escura prizão, obrigado a comparecer como o ultimo dos Francezes ante seus maiores inimigos, para responder ás mais infames accusações, e por ultimo condemnado a huma morte affrontosa, e executado em huma praça publica, á vista de hum povo que pouco antes o opprimia de vivas, e acclamações (1), tal foi o primeiro ensaio da desenvoltura, da

(1) A indifferença com que o Povo Francez vio a desgraça, os indignos tratamentos, e a morte de Luiz XVI. que por sua humanidade tanto merecia a estimação de seus Vassallos, mostra bem o pouco que sempre deve confiar-se em a multidão; e principalmente quando o Governo tem tido a fraqueza de deixar grassar, e arraigarem-se principios perigosos, que suffocão todo o patriotismo, extinguem as idéas de respeito e subordinação ás Leis, e ao Imperante, e accendem os desejos da novidade, sempre fataes ás sociedades.

crueldade desses monstros ferozes, que cubrindo-se com o manto da Filosofia, impondo aos Povos com o titulo pomposo de seus defensores, e restauradores de sua liberdade e independencia, havião lançado mão das rédeas do governo, para satisfazerem suas infames paixões, saciarem sua ambição desmedida, e cevarem-se em o sangue de milhares de victimas innocentes, sacrificadas ao seu odio, inveja, e ciume.

Desde logo os Templos forão saqueados, os Altares profanados, os Ministros do Senhor ultrajados, proscrita a santa Religião (1). E a mão sacrilega, que não poupava o sagrado, não duvidou com igual audacia levar hum golpe mortal ás fortunas dos particulares; em hum momento forão aniquilados os direitos, que a antiguidade tornára sagrados, e a revolução dos Seculos sempre vira immoveis: os malvados se exaltárão sobre as ruinas daquelles, que antes vivendo na opulencia, então se virão reduzidos á mendicidade. Com igual furor forão suffocados os sentimentos, que a natureza, a educação, e o habito fazem respeitar até entre os Povos mais barbaros

---

(1) Esse mesmo espirito de impiedade, o mesmo odio ao Estado Ecclesiastico, subsiste ainda hoje em a Nação Franceza, e seu Governo actual. Nós acabamos de o ver pelo que entre nós se praticou: e isto servirá de prova ao que adiante direi, que a revolução de França, mudando de fórma entre as mãos de Bonaparte, não mudou de principios.

da terra. O filho em desprezo de seus deveres mais sagrados, era elle que ou conduzia ao cadafalso o triste e desgraçado Pai, ou cravava o punhal parricida no mesmo seio, que lhe tinha dado a vida. Para ganhar o vil preço promettido ao delator, o amigo trahia ao amigo, o irmão ao irmão, a mulher não era mais a fiel depositaria dos segredos de seu marido; e finalmente para qualquer parte que o Cidadão pacifico se voltasse, não encontrava mais do que inimigos sequiosos de seu sangue, roubadores de seus bens, oppressores de sua liberdade, infractores de seus direitos. E os tyrannos se rião de tantos males, que elles mesmos fomentavão, até virem a ser s victimas de sua propria ferocidade, porque s facções se succedião com a maior rapidez; e ainda bem hum partido não tinha acabado de derramar o sangue, que julgava necessario a estabelecer seu despotismo, e tyrannia, que elle era esmagado por outro, que fazia correr novas torrentes de sangue. Assim se vio hum Marat, hum Danton, hum Robespierre, e outros muitos monstros, renovarem ainda com mais raiva, e maior furor as scenas de crueldade dos Caligulas, dos Neros, dos Domicianos, que serão para sempre o horror de todos os Seculos, a vergonha da especie humana. E estes erão os Filosofos, que tanto inculcavão a inviolabilidade dos direi-

tos do homem! E estes erão os bens, que o louco se havia promettido em a revolução que fomentára (1)!

Mas louca, e incomprehensivel contradicção da especie humana! Tantos males, quantos se vião soffrer na França; tantos e tão atrozes crimes, quantos se vião praticar a sangue frio pelo mesmo Governo, parece que deverião inspirar o maior horror entre todos os Povos, e fazer que todos elles trabalhassem de hum voto unanime por impedir que este veneno chegasse a inficionar seus proprios Paizes. O amor da propria vida, dos bens, da liberdade, que elles vião atacar sem respeito, e sem medida, parece que deveria ser hum poderoso estimulo, que animasse os braços de todos os homens para combaterem o monstro, que ameaçava devorallos. Mas bem pelo contrario aconteceo: os tyrannos tinhão a feroz sagacidade de cubrirem os crimes que commettião, com o

---

(1) Terrivel lição para todos os que deixando-se arrastrar de fantasticas promessas, vãos discursos, cahirão em os laços, que lhes havião armado os ambiciosos, e enthusiastas, para tirarem partido dos males da sua Patria. Oxalá que ella seja bastante a curar os homens de mania tão fatal! Temei sempre os remedios violentos; por peior que seja vossa situação, elles são sempre mais funestos que os males, que se pertendem remediar. O que aconteceo na França, tem acontecido em todos os Estados, que adoptárão igual systema. As paixões forão, e serão sempre as mesmas; e huma vez tirado o freio social que as subjuga, ellas exercem seu tyrannico imperio em toda a sua extensão.

amor da liberdade, pela qual dizião combater. Os mesmos principios, as mesmas doutrinas, que preparárão a revolução da França, se havião transmittido a todas as Nações. Os homens ou desapercebidos, ou apaixonados, fechavão os olhos sobre os males, que dessolavão aquelle Paiz, e só encaravão o momento, em que devião ver cahir por terra a Religião, as Leis, e o Governo, para poderem sem receio satisfazer suas paixões, seus odios, suas vinganças. Insensatos que elles erão! Não pensavão que o homem só póde ser feliz, quando goza de huma liberdade limitada, e protegida pelas Leis; porque então bem que se lhe tirem os meios de offender os outros, elle está tambem seguro de que nunca hade ser offendido impunemente (1).

Assim quando os Soberanos da Europa julgárão que a sua honra, o bem dos Povos

---

(1) Esta he a verdadeira e unica liberdade, quando por isso que eu não posso fazer o que prejudica aos outros, estes nada podem tambem fazer do que me prejudica a mim. He então que eu estou certo de que a minha vontade, huma vez regulada pela justiça, não póde ser contrariada pelos outros; he então que eu posso chamar-me livre. Donde se vê que sem Leis, que regulem os direitos dos Cidadãos, não póde haver liberdade; e quanto mais as Leis são respeitadas entre hum Povo, tanto mais livre elle he. A' vista destes principios, de que a verdade não póde contestar-se, he claro que os Francezes destruindo todo o vigor das Leis, invertendo toda a ordem social, se tem constituido escravos dos tyrannos, ao mesmo tempo que derramavão seu sangue por hum vão fantasma de liberdade, que jámais póde existir no meio de huma revolução politica.

12
K5

que governavão, e a justiça exigião que elles se armassem, para vingarem hum Rei vilmente assassinado com toda a sua Augusta Familia, para combaterem os tyrannos, e livrarem seus Estados de contagio tão mortifero, não achárão em seus Exercitos mais do que homens laxos, promptos a abandonallos; em seus Conselhos mais do que Ministros perfidos, e corrompidos; em seus Povos mais do que Vassallos rebeldes, e revoltosos (1). Ah! e que esforços serião bastantes para atalhar esta corrupção universal? Assim tambem os Exercitos Francezes, a pezar de levarem a toda a parte a miseria, a dessolação, a carnagem, e a morte, erão recebidos com os braços abertos, no meio das acclamações de hum Povo allucinado, que mal pensava coroar-se de flores, para vir a ser a victima, cujo sangue devia servir á sede insaciavel daquelles, que olhava como seus libertadores.

Grande parte da Europa gemia já debaixo da oppressão dos tyrannos; e aquelles Estados, que por diversa politica se havião

---

(1) A seducção, a corrupção, e a perfidia forão as armas a que os Francezes principalmente devêrão seus successos militares nos Paizes-Baixos, na Hollanda, e na Italia. Era impossivel que elles ahi podessem sustentar-se, se os Povos menos dispostos em seu favor, lhe fizessem toda a resistencia, de que erão capazes. Agora que a illusão tem passado (graças ás crueldades do tyranno) já elle começa a sentir os revézes da fortuna, e tudo annuncia que em breve a Europa sacudirá seu jugo.

alliado com elles, para evitarem huma quéda mais prompta, não fazião mais do que arrastrar huma existencia precaria, combatida a todos os momentos, em nada digna de ser invejada dos outros (1). O homem de bem chorava em segredo os males da sua Patria, e os seus proprios, e não via outra esperança mais, do que a divisão das mesmas facções, que governavão a França, a opposição de seus interesses, que podia fazer ahi nascer hum dia a guerra civil, e entretanto abrir os olhos dos Povos, e fazellos entrar no conhecimento de seus verdadeiros interesses, para repellirem de si o monstro, que os devorava.

E com effeito assim hia a acontecer, quando o Deos Omnipotente, que queria consummar sua vingança, contra tudo que podia esperar a prudencia humana, suscitou hum homem, que suffocou todos os partidos, reunindo desde logo em si todo o po-

---

(1) Assim aconteceo á Hespanha, que desamparando seus Alliados, e a causa commum, que elles defendião, fez com a França huma alliança vergonhosa, pelos interesses de hum Ministro perfido, o infame Godoi, que queria fazer-se necessario aos tyrannos, para se manter em seus empregos. A ruina de seu Commercio, a diminuição notavel de seu numerario, pelas continuadas contribuições que se lhe exigião, e a paralysia total do Estado, forão o resultado desta alliança, além da infamia de se ver obrigada á receber a Lei dos tyrannos, cujos Ministros sustentavão na Hespanha o mesmo tom imperioso, exercião o mesmo despotismo, que os Proconsules Romanos em as Provincias, que lhes erão assignadas.

der e authoridade (1). Epoca fatal para o genero humano! Sem mudar de principios, a revolução de França não fez mais do que tomar huma nova fórma; e longe de ficarem ao abrigo do odio, que huma vez se lhe tinha jurado, o Throno e o Altar vão ser atacados com mais raiva, e maior furor. A força revolucionaria incerta e vacillante, em quanto dirigida por facções, que se destruião mutuamente, agora entre as mãos do tyranno vai ser o raio abrazador, que levará a toda a parte o incendio, a morte, a dessolação. O inferno vomita hum monstro; este he Bonaparte, que em o tempo da revolução, sequaz obstinado de seus principios destruidores vil adulador dos tyrannos, instrumento e ministro de seu despotismo e crueldade; se depois se mostrou por algum tempo menos inimigo da Religião, da Virtude, e da Jus-

(1) Bonaparte voltando do Egypto á França em o fim do anno 1799. fez abolir a antiga Constituição, assim como o Directorio Executivo. Huma nova Constituição he proclamada, que estabelece para a Administração pública tres Consules, hum Senado Conservador, hum Conselho de Estado, hum Tribunado, hum Corpo Legislativo. Bonaparte eleito primeiro Consul, á testa de todas as Authoridades, tinha o principal manejo dos Negocios. O momento era chegado, em que elle podia salvar a França, e a Europa dos males que soffrião, e adquirir hum direito incontestavel ao reconhecimento de todas as Nações, se fosse mais sensivel á sua felicidade. Os Povos se atrevêrão a esperallo assim, confiando em suas promessas. Mas huma desgraçada experiencia tem bem mostrado o contrario, e a posteridade indignada lhe assignará com razão o primeiro lugar entre os mais horriveis flagellos da humanidade.

tiça, foi para melhor chegar aos fins a que aspirava. Este homem, o mais ambicioso de quantos tem pertendido a feroz gloria de oppressores do Universo, que melhor tem sabido alliar os mais torpes vicios com as apparencias das melhores virtudes, fertil em estratagemas, enganos, e perfidias, arma novos laços aos Povos, que pertende subjugar. Huma triste experiencia tinha mostrado a todas as Nações quanto erão quimericas as promessas de Liberdade e Igualdade, absolutas, que só poderião existir na imaginação do insensato: ellas se vião victimas de sua propria illusão. Era pois preciso para as attrahir mostrar-lhes que os males que soffrião, erão consequencias necessarias do máo systema do governo: era preciso prometter-lhes huma reforma saudavel, de que nascesse para todos os individuos a abundancia, a felicidade, a prosperidade: era preciso prometter-lhes desarraigar os abusos perniciosos, restabelecer a Religião ultrajada de seus maiores, prestar-lhes huma protecção poderosa e efficaz para as livrar dos attentados, que podessem commetter-se contra a sua independencia: em huma palavra, era preciso fazer-lhes encarar no futuro a mais lisonjeira perspectiva de felicidade.

Tal foi o systema de Bonaparte, sempre franco em promessas antes de conseguir seus

fins, sempre escasso em as cumprir, quando nada mais tem a esperar. Tanto são fracos os conselhos dos homens, tanto são mentirosos seus projectos! Cançados dos males e desgraças, a que tinhão dado origem seus proprios tresvarios, procurando fugir á crueldade dos tyrannos que os opprimião, elles se lanção em os braços de outro, que mais ambicioso, mais barbaro que todos elles, só conserva a differença de ser mais dissimulado, mais astuto, e por isso mesmo mais temivel. Os mesmos Francezes forão os primeiros em deixarem-se illudir; e em premio de seus perfidos enganos, elles lhe confiárão a suprema authoridade, restabelecendo assim em favor de hum estrangeiro, de baixa e desconhecida origem, o governo de hum só, o Throno de seus legitimos Soberanos, que pouco antes havião proscripto á custa do sangue de milhares, e milhares de victimas (1).

---

(1) Bonaparte já tinha dado hum grande passo para a tyrannia em 1802. fazendo perpétua em sua pessoa a dignidade de primeiro Consul, que antes era de dez annos. Mas isto não satisfazia ainda sua ambição: exercendo todas as funções de Soberano, faltava-lhe o titulo, e que este fosse hereditario em sua Familia. Huma conjuração ou verdadeira, ou supposta (como he mais de crer) contra a vida de Bonaparte, lhe abrio o caminho para o Throno. Elle fez ver á Nação, que o meio de frustrar os projectos de seus inimigos, era fazer hereditario em sua Familia o Poder supremo, a fim de que a França tendo hum Governo firme e subsistente, jámais fosse reduzida a anarquia pela morte daquelle, que exercia a suprema authoridade. Este sophisma produzio o effeito deseja-

As Nações, que já dantes havião sido subjugadas, ficárão firmes em sua obediencia, na esperança dos bens, que se lhes promettião; e aquellas que não tinhão ainda sido domadas, suspiravão pelo momento, em que devião ver chegar o seu Libertador. Assim os Povos, que nunca se achão bem, porque sempre esperão no futuro melhor sorte, erão arrastrados de engano em engano, de illusão em illusão, a subirem o jugo infame, que se lhes preparava; até que huma triste experiencia tem mostrado a todos a falsidade de suas esperanças, e lhes tem feito derramar amargas lagrimas por aquillo mesmo, que antes olhavão como a maior desgraça.

Restava o nosso Portugal, que huma feliz posição tinha desviado do theatro da Guerra, e livrado até ha pouco da invasão dos Exercitos Francezes. Já para evitarmos maiores males, nós tinhamos sido obrigados a comprar por avultadissimas sommas huma neutralidade, que deve ser livre a toda a Nação independente (1). Já esta infracção

---

do, e Bonaparte foi proclamado Imperador em 1804. com declaração de que esta dignidade se tranferiria por herança á sua Familia. Tal foi o resultado de tantos annos de calamidades, que a França soffreo. Grande lição para os apaixonados das revoluções politicas, que sempre terminão em a mais dura escravidão!

(1) Desde 1789. em que começou a revolução da França, Portugal foi sempre espectador em meio dos grandes acontecimentos, que agitavão a Europa, cujo systema elle não dei-

solemne de nossos direitos nos havia esgotado o Erario, e roubado o metal precioso, que devia servir a fomentar a industria, pagar as fadigas do operario, recompensar as vigilias do Funccionario publico, conservar e promover os estabelecimentos uteis á humanidade; e nós soffriamos os males inseparaveis desta desordem, mas entretanto viviamos em paz, á sombra das Leis, e debaixo da protecção de hum Principe, que sem dúvida nos amava como a filhos: quando o ty-

---

xou de seguir, nem mesmo quando deo á Hespanha os soccorros estipulados em os Tratados. Hespanha fez sua paz com a França em 1794. e pela mais inaudita ingratidão para com hum tão fiel, como util Alliado, não só deixou de o comtemplar neste Tratado, mas começou a declarar-se sua inimig juntamente com a França, até que os Tratados de Badajoz e de Madrid, que se seguírão á guerra de 1801. restabelecêrão a paz entre as tres Nações. Já então forão dadas á França avultadas sommas, unico meio de tratar com huma Nação, que declarava a guerra a todo o Mundo, para lhe roubar seus Thesouros. Esta mesma ambição, e a falta de boa fé, lhe fez de novo atropellar todos os direitos, exigindo de Portugal os mais extravagantes sacrificios, pouco depois de concluida a paz; de maneira que para evitar mais injustos procedimentos, nosso Governo se julgou feliz em poder concluir, á custa dos maiores sacrificios pecuniarios, o Tratado de 1804. em que a França se obrigou a consentir em nossa neutralidade, durante a actual guerra com a Inglaterra: e foi no meio da boa fé deste Tratado, sempre religiosamente observado por nós, que Bonaparte fez a Portugal a proposição de fechar seus Portos aos Inglezes, e reter os que aqui se achassem, confiscandolhes suas Propriedades. Hum tal procedimento deve convencer todos os Governos da Europa, de que elles não tem a fiar-se em Bonaparte, para quem os mais solemnes Tratados só servem ou de pretexto para extorquir as riquezas das Nações, ou de meio para fazer adormecer, em quanto lhe convém, aquellas que poderião inquietallo.

ranno, a quem cousa nenhuma escapa das que podem cevar sua ambição, volve para este canto da Europa os olhos, com que devora já anticipadamente a preza; e nossa perda he desde logo jurada.

Sempre fiel a seu perfido systema, não he declarando-nos abertamente a guerra, que elle procura senhorear-se de nosso Paiz: este meio das armas e dos combates, injusto que elle seja, seria ainda demasiadamente nobre para hum coração tão invilecido. O perfido conhecia nossas relações com huma Nação sempre nossa alliada fiel e generosa, mas a quem elle tem jurado hum odio eterno, por ser a unica, que lhe tem sempre opposto huma nobre resistencia, e que em parte o tem sabido conter na execução de seus malvados projectos (1). Elle sabia que o Com-

(1) Tem sido na Europa differentes os modos de pensar sobre o procedimento da Inglaterra, depois do estabelecimento do novo Governo em a França. Bonaparte sempre astuto, sempre dissimulado, não cessa de clamar, que elle só combate para conquistar a Paz, para destruir a maligna influencia da Inglaterra, que usurpando o domínio dos Mares, procura ter em escravidão todas as Nações. Com taes discursos elle tem attrahido sobre a Inglaterra o odio dos espiritos fracos, que deixando-se levar das primeiras impressões, a olhão como a causa de seus males, obstinando-se em huma guerra, que elles chamão *de capricho*. Mas he bem differentemente que a cousa deve olhar-se por quem se dá o trabalho de reflectir. A pezar de todos os enganos, com que elle pertende illudir-nos, o systema de Bonaparte está bem conhecido: elle marcha á dominação universal; e se alguma esperança de salvação resta ainda á Europa, he á Inglaterra que ella a deve. Se a Inglaterra

mercio, que fazemos com a Inglaterra, he o canal por onde entrão neste Paiz a abundancia, e as riquezas; que este he o meio unico, por que fazendo valer o superfluo de nossa industria e trabalho, nós recebemos em troca aquillo de que necessitamos (1). Por tanto

---

conhecendo desde logo as vistas do tyranno, não tivesse empregado para lhe resistir a mais nobre energia; se descançando sobre o Tratado de paz de 1801. ella tivesse deixado augmentar a Marinha da França, estava perdida, e com ella toda a Europa. E que uso faria então Bonaparte de suas forças sobre os Mares? O mesmo que tem feito da sua superioridade em o Continente; e porque não o póde fazer, eis-aqui a causa de seu odio contra a Inglaterra. Não he assim que esta tem abusado de seu poder. Repartindo as vantagens de seu Commercio com todas as Nações livres, ella não tem tomado medidas violentas, senão aquellas que são indispensaveis para rebater as injustiças do inimigo, e só depois de provocada por elle: ella não tem atacado outras possessões, senão as daquellas Nações, que por sua alliança com a França fazião causa commum com ella contra a Inglaterra; ou para destruir forças, que ella previa estarem á disposição do tyranno, como aconteceo em Copenhague. Se as persuasões da Inglaterra tem sido fataes a algumas Nações; se seus soccorros lhe tem sido inuteis, he á fraqueza, ás intrigas dos Governos, que este mal deve attribuir-se, porque não tem empregado em combater o tyranno toda a energia possivel, e de que a Inglaterra tem dado a todo o Mundo o mais nobre exemplo.

(1) Nem este Commercio póde ser substituido por outro com alguma outra Nação. Onde acharíamos nós consumo a nossos vinhos, e fructas, dois artigos tão importantes de nosso Commercio continental? Além de que nenhuma outra Nação está em circunstancias de fazer tão grande consumo destes generos, como a Inglaterra, em razão de suas numerosas Esquadras, e navegação muito extensa; grande parte das outras não necessitão destes generos, por que os tem em si mesmas: e aquellas que não os possuem, humas não tem artigos de exportação, que nos podessem convir; e com outras este Commercio seria pouco lucrativo pela difficuldade da navegação, e outros embaraços. Dirão miseraveis economistas, que o ter-

elle exige, contra hum Tratado solemne, pouco antes feito, e pago por avultadissimas sommas, que fechemos nossos Portos a esta Nação amiga; ou, o que vem a ser o mesmo, que nos privemos de todas as commodidades, e até mesmo do necessario, que por ella nos vinha; que consintamos em ver cahir nossa industria, cortar os meios de subsistencia de huma grande parte da Nação; em huma palavra, que nos reduzamos á ultima miseria, que sejamos os algozes crueis de nós mesmos. Nenhuma destas considerações he capaz de mover o coração do barbaro: indifferente ás desgraças do genero humano, com tanto que satisfaça sua ambição, seus odios, suas vinganças, elle leva mais ávante suas infames pertenções. Atropelando os direitos sagrados, que distinguem as Nações civilizadas, elle exige não só a prizão dos individuos dessa Nação amiga, que vivião no meio de nós, fomentando nossa industria, á sombra das Leis, e debaixo da

---

reno occupado por vinhas e pomares, podia empregar-se em pão, de que o Reino tanto necessita. Mas além de que a maior parte deste terreno não he proprio para outro genero de cultura, elles não conhecem as grandes difficuldades, que na prática se opporião a esta mudança, que só em o fim de muitos e muitos annos poderia effeituar-se, e o grande número de familias, que em consequencia ficarião reduzidas á miseria. Mas estas considerações, que embaração o homem de bem, que péza com madureza e sensibilidade os interesses dos Povos, não occupão hum momento o coração do tyranno.

protecção e boa fé do Governo, mas até hum sequestro rigoroso em seus bens, e propriedade (1). Nosso Augusto Principe, bem longe de imitar a cobarde politica de outros Governos, que laxamente se prestárão aos caprichos do tyranno, rejeita com huma nobre indignação hum semelhante acto de violencia e barbaridade, a que repugna a sua honra, a sua piedade, porque he bem conhecido. Mas que horrivel combate teve a sustentar sua alma generosa! De huma parte se lhe representa sua fé promettida a huma Nação amiga, a huma Nação, que lhe estende os braços, para o salvar da ignominia; de outra parte se lhe representão seus Povos

(1) Em meio do estrepito das armas ha Direitos, que devem ser respeitados, porque elles são fundados sobre a razão, e a justiça, e como taes tem sido geralmente adoptados por todas as Nações: he tambem o que distingue as guerras dos Povos civilizados das dos Povos barbaros. A guerra, que he sempre hum mal, só póde ser justificada por hum fim justo, que a torne necessaria; ella tem sempre por objecto obrigar huma Nação a alguma cousa, que se julga ter direito de exigir. Tudo quanto he, e se obra desnecessario a este fim, he barbaro, he cruel: nesta ordem entra todo o damno, que se faz directamente aos particulares, sem ter em vista o fim geral. He licito tirar do Paiz inimigo o necessario para a subsistencia do Exercito, porque a lei da natureza o authoriza: he licito usar de todos os meios para destruir as forças publicas do Estado, porque he nisto que consiste a guerra, a qual he sempre de Nação a Nação, e jámais contra os individuos, se não em quanto elles se armão para fazerem parte das forças publicas. Mas roubar os particulares pacificos, e desarmados, só com o fim de enriquecer-se com os seus despojos, he só proprio dos Vandalos; e he o que se exigia de nosso Principe contra os individuos de huma Nação amiga.

já entregues á raiva, e ambição dos crueis devastadores; e fluctuando entre sentimentos tão diversos, elle cede em fim áquelles, que mais ferem seu coração sensivel, consente em expôr-se aos juizos temerarios da posteridade, e assigna o fatal Decreto, por que os Portos de Portugal são interdictos aos Navios da Nação Britanica (1); pensando deste modo desviar de nossas cabeças o golpe fatal, e esperando talvez que o tempo trouxesse algum desses acontecimentos felizes, e inesperados, proprio a melhorar nossa sorte.

Mas de que servírão tantos sacrificios, e que podia esperar-se de hum perfido, que cubrindo suas pertenções com os imaginarios interesses da Europa, de que se tinha erigido em arbitro, fazia já marchar contra nós suas Tropas, tinha já obrigado o Governo froxo e corrompido da Hespanha a ajudallo em sua empreza (2), ao mesmo tempo que

---

(1) Sua Alteza Real vendo o Governo Francez inexoravel sobre o cumprimento da estranha proposição, que lhe havia feito, fez sahir do Reino todos os Inglezes com suas propriedades; e querendo por bem de seus Povos condescender com a França, quanto fosse compativel com a sua honra, certo tambem em que a Inglaterra não levaria a mal huma medida, que as circunstancias tornavão indispensavel, a pezar dos Tratados que subsistião entre as duas Nações, por Decreto de 20 de Outubro de 1807. declarou seus Portos fechados aos Inglezes.

(2) O Governo actual da Hespanha acaba de fazer publico hum segredo, que dará a toda a Europa huma idéa completa do monstro, de quem ella recebe a Lei: Portugal fiel

prodigalizava ao nosso Soberano repetidas protestações da mais sincera amisade, as mais apparentes seguranças da independencia da sua Coroa, da liberdade da sua Nação? Quanto

---

a seus Tratados com a França, nenhum motivo de queixa lhe havia dado: (veja-se a Nota á pag. 23) entretanto dispunha-se da sua sorte, elle hia a ser retalhado, e nosso Principe privado da herança de seus Augustos Maiores. A 27 de Outubro de 1807. se concluio em Fontainebleau hum Tratado secreto entre Bonaparte, e Carlos IV. de Hespanha, e se estipulou que a nossa Provincia de Entre Douro e Minho, com a Cidade do Porto, seria dada ao Rei da Etruria, para a possuir com o titulo de Reino da Lusitania Septentrional; o Alem-Tejo e Algarve ao Principe da Paz, com o titulo de Principado dos Algarves; e que as Provincias de Tras os Montes, Beira, e Estremadura ficarião em sequestro, para se dispôr dellas á conclusão da paz geral; que estas Provincias sequestradas serião occupadas por 25$ Francezes, e aquellas por Tropa Hespanhola; que o dito Rei da Hespanha, e Bonaparte dividirião entre si as Ilhas, e mais Conquistas da Coroa de Portugal. Já se vê qual viria a ser a sorte do nosso amavel Principe, que o Ceo por nossa felicidade se dignou livrar de tão grande affronta: quando muito se lhe darião por fim as tres Provincias sequestradas, que assim mesmo deveria receber por investidura do Rei da Hespanha, de quem ficaria dependente, como era expresso em o Tratado.

Mas o que he acima de tudo quanto póde esperar-se da malignidade, e da perfidia mais apurada, he que Bonaparte firmando este infame Tratado, meditava já a sua infracção, e preparava por ahi mesmo a perda da Hespanha, cujo Governo se cobria de infamia, e comprava sua propria ruina a troco de huma vil condescendencia ás vontades do tyranno. Com effeito o tempo mostrou suas intenções: elle não queria outra cousa mais, do que armar hum laço á Hespanha, para a obrigar a consentir na passagem de Tropas Francezas, e na invasão de Portugal; apenas isto se effeituou, nenhum dos artigos do Tratado se cumprio; a prizão de toda a Familia Real da Hespanha, a usurpação de sua propria Coroa, foi o resultado das vantajosas promessas, que se lhes havia feito; e as mesmas Tropas Francezas destinadas á conquista dos Paizes, que devião ceder em proveito da Hespanha, se voltárão para a subjugarem.

he fraco o partido do homem de bem, quando este não tem que oppôr contra as seducções da aleivosia, mais do que a sua honra, probidade, e boa fé! Não he impunemente que aos tyrannos se ostenta huma alma nobre. Todo o acto de virtude, e generosidade, vem a ser a seus olhos huma reprehensão severa de seus vicios, que elles jámais supportão; e o Augusto Principe do Brazil havia adquirido por sua firmeza e constancia, sobejos titulos á estimação do Publico (1), para que o tyranno houvesse de perdoar-lhe esta superioridade, e deixasse de o contar por isso só em o número de seus maiores inimigos. Sua perda he pois jurada; e não podendo, nem devendo sem a menor esperança de successo arrostar as forças reunidas da França, e Hespanha, hum só partido lhe resta, e he o de salvar seu decoro, e de sua Augusta Familia em seus vastos Estados do Brazil, aonde fundando hum novo Imperio, que sirva de asilo aos desgraçados e perseguidos Europeos, dahi poderá tambem sahir hum dia a vingar a affronta, que se lhe tem feito. Graças á generosa Nação

(1) Na verdade o Principe Nosso Senhor rejeitando nobremente as proposições vergonhosas de Bonaparte, declarando-lhe que antes se retiraria aos seus Estados do Brazil, do que soffreria a infamia, que elle lhe preparava, se tem distinguido muito sobre todos os Soberanos, que com mais meios e recursos tem dobrado o joelho diante do tyranno.

Britanica, que facilitou os meios de executar tão nobre designio! Ceos, sede propicios, encadeai os ventos, e as tempestades; e assim como em outro tempo haveis conduzido os Heroes, que levárão ao novo Mundo a gloria do nome Portuguez, conduzi tambem agora a salvamento o Magnanimo Principe, que leva ao mesmo Hemisferio nossas saudades, nossas esperanças, para dahi voltar a curar as profundas chagas, que a tyrannia, e a crueldade nos tiverem aberto (1).

Mas daqui mesmo tem principio nossos maiores males, esta he a triste epoca da nossa maior desgraça. Privados de hum Principe, que herdava de seus inclytos Maiores o amor para com seus caros Vassallos, em cujo seio nós hiamos depôr, como em o seio de hum terno Pai, nossas queixas, nossas mágoas, nossas afflicções, certos de encontrarmos nelle clemencia, justiça, e probidade, nos vemos

---

(1) Em a manhã do dia 29 de Novembro de 1807. Sua Alteza Real sahio do Porto de Lisboa, acompanhado de toda a sua Augusta Familia, grande parte da Nobreza, e mais Pessoas, que se empregavão em seu Serviço, e comboiado por huma numerosa Esquadra Ingleza. Foi assim que Sua Alteza Real illudio o malvado projecto de Bonaparte, que lhe destinava a mesma sorte ignominiosa, que tiverão os Reis da Hespanha: e foi assim tambem que nós conseguimos a felicidade de conservar hum Principe amavel por suas Virtudes; e que hoje que temos recobrado nossa liberdade, desvia de nós a horrivel anarquia, e a funesta crise do estabelecimento de hum novo Governo, a que nos veriamos obrigados em falta de nossos legitimos Soberanos.

de repente, bem como a mansa ovelha cahe nas garras do esfaimado lobo, entregues aos deshumanos ministros do barbaro, que nos havia roubado tão doce bem.

Já o Exercito Francez tinha atravessado este Reino, e batia ás portas da Capital, sem encontrar a menor opposição em seus habitantes, a quem em grande parte allucinavão falsas esperanças de felicidade futura; e aquelles que por menos credulos, ou mais experimentados, não deixavão levar-se de enganosas promessas, erão retidos por a ordem expressa do nosso amavel Principe, que sempre ambicioso de poupar o sangue de seus caros Vassallos, havia recommendado ao Governo, que deixára em sua ausencia, não se oppôr á entrada das tropas Francezas, e determinado a toda a Nação que as recebesse como amigas. Ah! mal pensava elle deixarnos entregues a feras, a quem são estranhos todos os sentimentos de gratidão e reconhecimento. E com quanta submissão não cumprimos nós aquella ordem? Vós o vistes, vós mesmos o haveis sentido. Não corremos nós todos á competencia a prestar-vos os officios da mais sincera hospitalidade? Não nos sujeitámos nós de bom grado a tudo quanto de nós se exigio para augmentar vossas commodidades? Barbaros! e quão mal tendes correspondido a tantos beneficios, a tanta

21
K5

generosidade! Vós que devieis envergonhar-vos de vossas crueldades, á vista dos sentimentos generosos de hum povo manso e pacifico, entre quem vivieis como irmãos. Mas tanto póde em vós a sede do sangue, a ambição do oiro!

Oh excesso de perfidia, e crueldade, de que não ha exemplo mesmo nas Historias das Nações mais barbaras! Ao entrar nesta Capital, quando ainda era tempo de se lhe embaraçar o passo, o General tinha publicado: *Que elle vinha salvar-nos da influencia maligna de huma Nação inimiga; que elle vinha proteger-nos* (1). E quaes forão as consequencias de tão solemnes promessas? Nós vimos progressivamente invadidas nossas Fortalezas, occupados nossos Arsenaes, aonde se reservavão as armas, e munições, que devião servir á defeza da Nação; licenciadas, e affrontosamente desarmadas nossas Tropas; lançado por terra nosso Estandarte, sinal de nossa independencia, e arvorado em seu lugar o Estandarte da Nação perfida. Nós vimos com o maior horror ata-

---

(1) São os proprios termos do primeiro Edital, que os Francezes affixárão em Lisboa em o dia 30 de Novembro de 1807. em que Junot ahi entrou com a vanguarda do seu Exercito; tendo já antes enganado os Povos por onde passava, protestando-lhes que elle vinha soccorrer seu Principe contra a invasão dos Inglezes, e que elle entrava em Portugal como General de huma Potencia amiga e alliada.

cados os Direitos sagrados de nosso legitimo Soberano, privado de huma Coroa, que o direito de successão, os votos de nossos Maiores, nossos proprios votos, nosso amor lhe segurarão para sempre na Augusta Cabeça. Nós vimos sequestrados os bens, saqueadas e roubadas as casas daquelles, que por dever, honra, e fidelidade o acompanhárão; dissolvido o Governo Nacional, e substituido por huma Junta de Barbaros, que surdos a nossas queixas, a nossos gemidos, só accessiveis aos vis sentimentos de ambição e tyrannia, fazião pezar sobre nós hum jugo de ferro (1). Nós nos vimos sujeitos a huma Inquisição politica, a mais barbara de quantas tem imaginado a tyrannia, aonde se dispensavão em segredo os mais crueis supplicios, e erão consideradas como crimes atrozes as infracções de leis, que nós não conheciamos; a defeza da propria vida, dos bens, da honra, da liberdade (2).

---

(1) Foi em o 1.° de Fevereiro de 1808. que Junot indo á Sala, onde se achava o Conselho de Regencia, declarou que elle ficava dissolvido, em consequencia da determinação de Bonaparte, que tomava Portugal debaixo da sua *Protecção*. Immediatamente se affixou o infame Edital, em que se dizia extincta a Dynastia da Serenissima Casa de Bragança em Portugal; e consecutivamente se fazião á Nação Portugueza as mais apparatosas e ridiculas promessas de felicidade futura, que por então só servirão a excitar a zombaria, e pouco depois a indignação de todas as Pessoas sensatas.

(2) Eis-aqui os homens desabusados, os nobres defensores dos direitos da humanidade, a quem fazia horror a idéa

22
K5

Tantos males não erão ainda bastantes a saciar a raiva do tyranno. Huma ordem cruel se affixa em os lugares publicos desta Capital, porque esta Nação não conquistada, não combatida, esta Nação amiga e protegida, he obrigada a pagar a exorbitantissima somma de quarenta milhões de cruzados, a titulo de contribuição extraordinaria de guerra, e para resgate da propriedade dos individuos (1). O animo se me revolta: eu me vejo possuido de hum justo furor a considerar tanta sem-razão, tanta crueldade. Parece-me ter sido de repente transportado aos ardentes sertões da Africa, ao meio desses Povos miseraveis, que não conservão de homens mais que a figura, sem idéas dos principios de justiça, que regem as Sociedades, e marcão as balizas, que as Nações, e seus despotas não de-

---

de huma Inquisição Religiosa, moderada pelas Leis, a razão, e a piedade. Entretanto o homem de bem não levando a mal todo o freio, que se põe á licença desordenada dos costumes, só se horroriza, quando vê os carceres povoados de victimas innocentes, a ferocidade cevando-se em huns, em outros a ambição: quando vê réos accusados pela calúmnia, condemnados arbitrariamente, sem provas, sem as formulas saudaveis da justiça; quando vê a sociedade semeada de vís espiões, que perturbão a paz das familias, dissolvem os doces laços da amisade, infundindo em todos a sombria desconfiança, isto he que he verdadeiramente horrivel, e foi o que entre nós vimos perfeitamente desempenhado.

(1) Este iniquo Decreto he datado de Milão a 23 de Dezembro de 1807. e foi publicado em Lisboa no principio de Fevereiro de 1808. acompanhado de outro Decreto de Junot, em que se regula a distribuição da Contribuição, mais barbaro ainda, se possivel he, que o primeiro.

vem jámais transgredir. Insensatos, que vos ornais com o vão titulo de Filosofos, ainda vós me gabareis o seculo das luzes? Homens indignos deste nome, pelos males que causais á vossa especie, que nutris dentro em vossos peitos o amor da novidade, ainda vós correreis apôs ella? Em consequencia de tão barbaras ordens, os Templos são despojados de todas, de todas as suas alfaias preciosas, que julgando-se desnecessarias á decencia do culto do verdadeiro e unico Deos do Universo, servírão a alimentar os vicios, e recompensar os crimes do tyranno, e seus infames ministros; e isto praticado por mandado daquelle, que a tanta impiedade tem a impudencia de ajuntar o titulo de Restaurador da Verdadeira Religião. Os individuos de todas as classes são vexados e opprimidos; arranca-se-lhe com a maior violencia o que he absolutamente neeessario á sua sustentação, e de suas familias. A industria cahe por terra, cessão os trabalhos publicos e particulares, e a cada passo não se encontrão mais do que rostos pallidos de fome e de miseria, e mãos supplicantes implorando a beneficencia de outros, que mal podem alliviar-lhes as penas (1).

---

(1) He incrivel o estado de pobreza e miseria, a que em tão pouco tempo ficou reduzida a Capital; e os barbaros insensiveis a tudo, nem huma só providencia se lhe vio dar,

23
K5

Mas a maior e mais inaudita de todas as barbaridades, e que eu teria mesmo dúvida em repetir, se desgraçadamente ella não acabasse de passar-se aos olhos de nós todos, he que o tyranno insultando ainda nossa miseria, nos obriga a nos prostrarmos diante do author unico de nossos males, para lhe tributarmos com semblante alegre as graças por novas promessas de felicidade futura, que se digna fazer-nos, e que cumpriria tão bem como as primeiras. Testemunhas todas essas desgraçadas Nações, que tendo sido como nós objecto de sua ambição, jámais o forão de sua beneficencia. As Ordens distinctas do Estado são constrangidas a riscarem ellas mesmas do Catalogo de seus Augustos e legitimos Soberanos o Nome do mais amavel de todos elles, de João, Principe do Brazil, e supplicarem ao tyranno, como a maior de todas as graças, a concessão de hum novo Rei (1).

---

que tendesse a alliviar o Povo: pelo contrario as exacções, as violencias, os roubos de toda a especie se exercião com hum tal ardor, que faria pasmar em os tempos mais barbaros.

(1) Aqui se fez pública em o dia 13 de Maio de 1808. huma Carta de nossa Deputação, junto a Bonaparte, datada de Bayona a 27 de Abril do mesmo anno; ou mandada alli fazer por ordem expressa, ou talvez aqui forjada arbitrariamente, em occasião que os Hespanhoes começavão a sacudir o jugo Francez, e se receava que este mesmo espirito grassasse até nós. Servia esta Carta de annunciar *as boas intenções* de Bonaparte a nosso respeito, e que elle queria conservar nossa independencia, dando-nos hum Rei. Os animos de todos os

Tal era nossa triste situação, e taes forão as consequencias de nossos desatinados tresvarios. Nossa desgraça estava consummada, e nenhuma esperança prudente restava de salvação. As mesmas causas moraes, que havião arrastrado a ruina de quasi toda a Europa, fazião tambem inevitavel nossa escravidão. Os mesmos principios de corrupção, os mesmos desejos de novidade, que havião suffocado todo o Patriotismo, e de que o tyranno tão habilmente soube aproveitar-se, tinhão grassado até nós, de maneira que o Governo jámais poderia excitar a energia necessaria para combater hum inimigo temivel. Em fim estava escrito em o livro dos Destinos, que nós fariamos tambem como os outros a triste experiencia de nossos tresvarios; e depois de convencidos da sua falsidade, vós o sabeis: a Nação desarmada e subjugada, nenhuma resistencia podia opôr ás vontades do tyranno, sem se expôr

---

bons Portuguezes se revoltárão a ouvir taes proposições: entretanto a força pezava sobre nós, e o Clero, a Nobreza, e os Magistrados recebêrão ordem do Governo, não só para testemunhar seu reconhecimento para com Bonaparte á pessoa do seu General, mas tambem para assignar o infame Requerimento, em que se lhe pedia hum Rei. He assim que as Folhas periodicas da França annunciárão, que os Portuguezes pedirão hum Rei; foi assim que a Hollanda fez igual requerimento; que Genova pedio unir-se ao Imperio Francez: he assim finalmente que Bonaparte recebe as homenagens de todas as Nações!

ao golpe mortal. A Hespanha interessada em nossa perda, era hum depósito, donde podião sahir Tropas sempre frescas, promptas a esmagar-nos. Nossa alliada fiel, a Inglaterra, tendo a guarnecer suas numerosas Armadas, necessarias para sustentar seu commercio, segurar a superioridade dos mares, e oppôr huma barreira vigorosa ao despota, mal podia soccorrer-nos, a não ser ajudada por alguma Potencia do Continente, capaz de fazer á França huma poderosa diversão.

Mas, oh misericordia infinita do nosso Deos! Quando o homem mais desanimado então menos espera, he quando tambem mais vos agrada, Senhor, mostrar-lhe vosso poder immenso, e desenvolver os meios occultos, e infinitos, por que costumais obrar vossas grandes maravilhas. E na verdade, Senhores, quem poderia imaginar, que a Hespanha, que á custa de tão grandes sacrificios, havia por tantos annos sustentado sua alliança com a França; que a Hespanha enervada por hum Governo froxo, e corrompido, cujas Tropas nos tinhão enviado de concerto com as Tropas Francezas, viria pouco depois ella mesma a ser a causa da nossa salvação?

O barbaro tinha jurado, ao mesmo tempo que a nossa, a perda da Hespanha, a quem preparava duros e pezados grilhões, em recompensa dos grandes serviços, que della re-

cebera. Esperando a occasião favoravel, elle poupa sua alliança, fazendo para isto conservar no favor o infame Godoi, Ministro vendido a seus interesses. Já dantemão elle tinha feito semear a discordia entre o Rei, e o Principe, seu herdeiro; e quando já seguro da sujeição de Portugal nada mais tem a esperar da Hespanha, faz por seus agentes romper o motim, em que Godoi he prezo, Carlos obrigado a abdicar o Governo, e Fernando, seu filho, acclamado pelo Povo. Então com o pretexto de soccorrer a Hespanha, e salvalla da guerra civil, e da anarquia, faz marchar sobre ella as tropas, que tinha proximas; e ao mesmo tempo escreve aos Reis, em os termos da mais sincera amisade, convidando-os a que se avistem com elle em os confins da França, e estejão pelo seu arbitrio para os reconciliar. Hum, e outro cahem no laço, marchão a Bayona; e apenas chegados, (oh excesso de perfidia do coração mais depravado, que os seculos tem visto!) apenas chegados, Bonaparte os faz guardar como prizioneiros, declara a Fernando, que não o reconhece por Soberano, e obriga Carlos a que renuncie nelle a Soberania da Hespanha, e todos os Direitos da sua Familia, como indigna de dominar sobre aquella Nação. Considerando-se já como Soberano da Hespanha, elle manda ahi Murat

na qualidade de Governador, que fiel executor das ordens, e das perfidias do tyranno, tão barbaro como elle, começa a exercer as mesmas violencias, que entre nós vimos praticadas.

Então os valerosos Hespanhoes, como acordando de hum profundo lethargo, vêm o abysmo, que está aberto diante de seus pés: cahe a venda fatal, e elles sentem todo o horror da sorte cruel, que se lhe prepara. A Patria está em perigo, a Religião he ameaçada: a estas vozes elles tomão toda a energia propria do seu caracter; o patriotismo abatido renasce; os esforços se multiplicão; os sacrificios de toda a especie nada custão, quando se trata de tão justa causa, e já o inimigo encontra por toda a parte a morte, justo premio da sua maldade. Os generosos Hespanhoes se lembrão de seus irmãos, elles vêm que he a mesma a causa de Portugal, que a da Hespanha, voão em nosso soccorro, não consentem que gemamos por mais tempo em nossos ferros. Os bravos Inglezes, que ha muito meditavão sobre o modo de libertar-nos, imitão tão bello exemplo. Nossos Compatriotas vergonhosos de deverem sua liberdade unicamente a mãos alheias, unem seus esforços aos de tão valerosos Combatentes. Nós somos livres em fim: vós acabais de ver o modo maravilhoso, por que se operou esta feliz mudança (1).

E não vedes vós em tudo isto o sello da Omnipotencia Divina, o caracter da sua

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

(1) Apenas a Hespanha começou a desenvolver sua energia contra os Francezes, nós principiámos tambem a divisar alguma luz de esperança; e os animos até então abatidos, começárão a conceber no futuro idéas de alguma mudança feliz. A disposição era geral, mas faltava quem désse o impulso. Nossos inimigos nos tinhão tirado todos os meios de os atacar; e sempre timidos, sempre receosos, elles dobravão suas cautelas. Em fim o bravo Belesta, General que commandava as Forças Hespanholas em a Cidade do Porto, surprende todos os Francezes que ahi havia, os faz prizioneiros; e deixando a Cidade entregue a hum Governo Nacional, se retira com sua Tropa para Hespanha. Mas por huma fatalidade não esperada, este primeiro successo não foi ávante; e os Commandantes Hespanhoes em Lisboa, e Setubal, que havião recebido ordem de fazerem ahi o mesmo com sua Tropa, que Belesta fizera em o Porto, se houverão tão mal, que não só isto não se fez, mas até dahi resultou o desarmamento das Tropas Hespanholas. Em fim os Francezes se dispunhão a entrar no Porto, quando no dia 18 de Junho o Povo, que tinha já recebido o primeiro impulso, e se achava indignado pelo máo successo delle, patenteou de hum modo o mais energico seus desejos de sacudir o jugo. Sua Alteza Real, o Principe Regente, he acclamado; já as Quinas Portuguezas tremulão em toda a parte; o Governo he organizado, á testa do qual se acha o Illustre Bispo daquella Diocese, que lhe communica toda a sua actividade; elege-se hum Governador Militar, expede-se hum Deputado a pedir soccorros á Inglaterra, envia-se outro ao Rio de Janeiro a dar a Sua Alteza Real a grata noticia da restauração daquella Cidade; cuida-se em a abastecer de viveres, e finalmente trata-se de organizar os Corpos Militares, que os Francezes havião dissolvido.

Ao mesmo tempo que isto passava no Porto, e terras circumvisinhas, o benemerito Brigadeiro José Lopes de Sousa animava o Povo na Villa de Olhão, e dava principio á feliz restauração do Algarve, que em pouco conseguio derrotar os Francezes, que ahi estavão de guarnição, e que forão obrigados a abandonar o Paiz, deixando além dos mortos, muitos prizioneiros, incluso o seu General.

Esta feliz revolução se communicou do Porto, e do Algarve a todas as Provincias: em nenhuma dellas o Povo, anima-

26
K5

infinita Misericordia, e immensa Bondade? Quem senão Deos poderia obrar tão grandes

---

do só do desejo de recobrar sua liberdade, se entregou a algum dos excessos ordinarios em semelhantes occasiões: em todas ellas se obrárão prodigios de valor, e patriotismo. Em Tras os Montes o barbaro Loison, célebre por suas crueldades, que havia sahido de Almeida para ir castigar o Porto, perdeo parte do seu Exercito com toda a Artilharia e bagagem; e se vio obrigado a retirar-se pelas montanhas, para escapar ao Povo, que denodadamente o perseguia.

Depois do Porto, a Cidade de Coimbra deve ter o primeiro lugar em nossos Fastos gloriosos. O Corpo Academico, como mais habil por sua educação Litteraria, e composto de huma mocidade ardente e vigorosa, desenvolveo a mais pasmosa energia, por que mereceo os applausos da Nação, e as distincões do Governo. Foi em seu Laboratorio Quimico, aonde trabalhavão os mesmos Alumnos da Universidade, debaixo da direcção de seus dignos Mestres, que se fabricou a polvora para municiar o Exercito.

O Clero Secular, e Regular, devendo sempre dar aos Povos o exemplo das virtudes Christans, e sociaes, desempenhou geralmente bem os deveres de seu ministerio. Muitos delles se fizerão célebres mesmo por seu valor, e a Patria lhe deve serviços relevantes; assim como a toda a Nobreza, que ligada á sociedade por vinculos mais estreitos, correo desde logo a defendella.

Em fim os Portuguezes tinhão por si só sacudido o jugo: a maior parte do Reino estava livre; e os Francezes atacados, rechaçados em todos os pontos, tomárão o partido de concentrar suas forças na Capital, que por isso não podia imitar o exemplo das Provincias. Entretanto irritados por ver escaparlhe a preza, elles ameaçavão saquear todas as Terras, que por sua riqueza desafiavão sua ambição; e em algumas o executárão, que não podendo no momento oppôr-lhe huma resistencia proporcionada, como Leiria havia pouco revoltada, ou vendidas como Evora por alguns de seus infames habitantes, forão desgraçadas victimas de sua crueldade.

Nossos generosos Alliados, os Inglezes, vem em fim completar a obra de nossa liberdade. Desembarcando na Figueira hum numeroso Exercito, elles marchão em soccorro da Capital, juntamente com as Tropas Portuguezas, que correm de todas as partes, animadas do mais ardente patriotismo, e com-

maravilhas, e por meios tão extraordinarios? Ah! que não possa eu, ó meu bom Deos, tributar-vos iguaes ao meu reconhecimento graças, que sejão dignas de vos serem offertadas! Se eu não me visse ligado á necessidade de encurtar hum Discurso, já assás extenso, e em que restão ainda reflexões importantes a fazer-vos, eu vos conduziria passo a passo por todos os acontecimentos desta feliz catastrofe; eu vos mostraria as difficuldades, os obstaculos que se oppunhão á desejada restauração de nossa liberdade; eu vos mostraria as fraudes, os enganos, as perfidias que contra nós se empregavão, mais temiveis ainda que o ferro e o fogo, e vós verieis que só a Mão poderosa, que faz girar infinitos Mundos com a mesma facilidade, com que as folhas do pequeno arbusto se movem ao sopro dos ventos, vós vereis que só a Mão occulta da Providencia podia conduzir-nos ao porto de salvação, em que hoje nos acha-

---

mandadas por Chefes habeis, e zelosos da gloria e liberdade de seu Paiz. Os Francezes que em Lisboa tinhão a recear mais que o valor das Tropas, a justa raiva do Povo, sahem ao campo, passão junto do Exercito Portuguez, que firme os esperava, mas com quem elles evitão combater, e vão atacar os Inglezes, em quem esperão em caso de revéz encontrar mais condescendencia, que nos Portuguezes, a quem suas crueldades havião irritado. A batalha do Vimeiro, em que os Francezes ficárão completamente derrotados, e em que se cubrirão de gloria os Corpos Portuguezes, que nella podérão ter parte, decide a nossa felicidade, e nos livra por meio de huma Capitulação dos malvados oppressores de nossa liberdade.

27
K5

mos. Mas vossa reflexão supprirá ao que eu não tenho o tempo, nem talvez o talento de annunciar-vos dignamente. Reconheçamos pois, Senhores, confessemos a protecção de Deos sobre esta Nação bemaventurada; mas vejamos tambem o que de nós exige este favor especial da Divindade, tanto para não nos fazermos indignos delle, como tambem para completarmos a grande obra da nossa liberdade, que Deos sim tem começado, mas quer que continuemos a trabalhar por ella, para provar nossa constancia, nosso fervor, e nosso zelo.

POrque fatigaria eu vossa piedade traçando-vos o quadro dos innumeraveis beneficios, que devemos á Divindade desde o momento, em que sua bondade nos tirou do nada para participarmos dos bens, que nos são destinados? Vós o sabeis: vós conheceis tambem os deveres, que em consequencia nos ligão ao Author da nossa existencia; a sagrada Religião, que todos professamos, os ensina. Sentimentos de respeito, de amor, de reconhecimento devem occupar-nos perpetuamente para com a Divindade: a lei, a virtude, a justiça devem regular nossas acções. Feliz o homem que marcha sem desvio nestes caminhos! Elle póde estar seguro

da felicidade eterna; e se alguma pequena tribulação o afflige sobre a terra, exempto de crime aos olhos de Deos, e dos homens, que milhares de consolações não encontra elle em sua propria consciencia, na certeza de que hum Deos bemfeitor lhe assiste, que não o deixará succumbir, porque só quer provar sua paciencia, sua virtude, para fazer succeder á mais horrivel tempestade a mais alegre bonança?

Mas desgraçado o homem, que esquecendo-se do que deve á Divindade, do que deve a seus proprios interesses, despreza a norma, que lhe he traçada para regular suas acções. Tão prompto em o soccorrer, em lhe estender hum braço poderoso, que o arranca aos perigos, quando o homem lho merece, como em o confundir, quando elle se rebella contra o Creador, o Deos das vinganças não deixa jámais offender-se impunemente. No meio da sua colera elle deixa muitas vezes o impio adormecer-se no regaço dos prazeres e das dilicias, cevar-se em sua mesma iniquidade, fazer-se surdo á voz da razão e da justiça, até que finalmente chega o tempo, em que o Senhor tem determinado dar-lhe o justo e sempre horrivel castigo da sua maldade. Outras vezes mais prompto em sua vingança, elle a faz seguir de perto ao delicto: outras vezes em fim, e he sempre o ef-

28
K5

feito da sua misericordia infinita, elle se serve de nossas mesmas iniquidades, para nos fazer soffrer por ellas os maiores males, trabalhos, e afflicções, que fazendo-nos recorrer ao Altissimo, como só de quem podemos esperar allivio, consolação, soccorro poderoso, e efficaz, despertão nossa piedade, nos advertem de nossos erros, e nos obrigão a entrar no conhecimento do que devemos fazer, para applacarmos a colera Divina, e nos reconciliarmos com o Ceo. He assim que o Omnipotente tem usado com todas as Nações, que abraçando os criminosos tresvarios, que gerárão a revolução da França, attrahirão sobre si a dessolação, a perturbação, a miseria. Já ellas começão a sentir a futilidade dos systemas, que o homem forja em seus delirios, e a necessidade de recorrer ao Altissimo, só capaz de pôr termo a tantos males.

O exemplo de tantas Nações desgraçadas não foi bastante a abrir-nos os olhos; e longe de procurarmos, quando ainda era tempo, desviar de nós o golpe fatal, corriamos a passos de gigante para o abysmo, que devia submergir-nos. Nossa sorte veio em fim; que por ser mais tardia, nem por isso foi menos horrorosa. Ah! e que seria de nós, se o Senhor inexoraxel em sua vingança, não cedesse a nossos rogos, a nossas lagrimas, a nosso arrependimento? Os males que temos

soffrido, forão grandes com effeito; mas elles não erão mais do que o ensaio daquelles, que se nos destinavão ainda. Eu tremo ao pensallo : sem dúvida vós verieis arruinada de todo nossa industria, extinctos tambem os meios de subsistencia de todas as classes de Cidadãos honrados e laboriosos. O Commercio destruido, a Agricultura abandonada, as Fabricas, as Manufacturas, as Artes em total desprezo, taes serião as consequencias necessarias da oppressão e violencias de hum Governo barbaro e tyrannico.

E no meio de tanta dessolação e miseria, de tanta vexação e violencia, qual seria vossa triste sorte ? Quantas e quantas vezes desfalecidos pela falta do alimento necessario, vós passarieis ainda pelo doloroso expectaculo de ver vossos innocentes e carinhosos filhos, levantando para vós os tenros braços, as faces banhadas de lagrimas, implorando-vos hum soccorro, que vós não podieis prestar-lhe ? Quantas vezes a cara esposa lançando sobre vós os olhos, em que antes se vião pintadas a alegria e o prazer, mas ora abatidos, expressivos de sua afflicção, vós serieis obrigados a forçar vossa propria dor, para lhe ministrar ternas, mas inuteis consolações, na impossibilidade de satisfazer huma necessidade, que a natureza jámais dispensa ? Quantas vezes vos acharieis na horrorosa ne-

29
K5

cessidade de abandonar a seu cruel destino, atacados da pallida doença, faltos de todos os soccorros necessarios, aquelles mesmos que vos tinhão dado o ser, que na vossa infancia vos prodigalizárão os mais carinhosos cuidados? Quantas vezes braços robustos em outro tempo, mas ora enfraquecidos pela miseria, pedirião inutilmente ser empregados, para sustentar com seu suor a propria vida, e de suas familias? Quantas vezes vós enviarieis ao Ceo ardentes votos, pedindo-lhe como o maior dos beneficios, a propria morte, a das pessoas que vos erão mais caras, a morte em iguaes circunstancias preferivel a huma vida languida e miseravel?

Ah! e seriáo os tyrannos insensiveis a tantos males? Cubertos de oiro, nadando nos prazeres e nas dilicias, insultando nossa miseria, elles excogitarião ainda novos modos de augmentar nossa desgraça. Os amigos, os irmãos, os filhos, os bemfeitores nos serião arrancados, e vilmente arrastrados aos fins da terra, para augmentarem o número das victimas destinadas a servirem aos crimes do barbaro, e derramarem seu proprio sangue pelos interesses do oppressor da sua Patria. Accusados pela propria consciencia, timidos como todos os tyrannos, elles farião pender sobre nossas cabeças huma aguda espada, prompta a trespassar-nos ao menor grito, á

menor queixa, que a dor arrancasse de nossos peitos. Em huma palavra, postos entre a tyrannia e a ambição, para qualquer parte que nos voltassemos, não achariamos segurança nem da vida, nem dos bens. A escravidão e a miseria serião nossa unica repartição.

Ah! quando considerando a ferocidade dos barbaros, a sede do sangue e do oiro que os devora, e o systema de impiedade que os degrada, eu tento desviar o véo, que nos encobre os futuros: que vejo eu, que scenas de horror se descobrem á minha imaginação! Santa Religião, tu hias ser banida dentre nós: teu balsamo saudavel não curaria mais nossas chagas. Para tudo nos roubarem, os barbaros nos querião tirar até a doce esperança, as ternas consolações, que tu nos ministras. Furiosos em forjarem nossa desgraça, raivosos de tudo quanto póde mitigalla, elles nos invejavão a paz de espirito, a resignação, com que soffriamos os males, que a mãos cheias emborcavão sobre nossas humilhadas cabeças (1).

---

(1) Hum dos males, e o maior que a revolução causou em a França, foi a ruina da Religião. Desprezada por hum Governo composto de homens impios e ferozes, a quem era insupportavel todo o freio da moralidade, em cuja Assemblea chegou mesmo a ser proclamado o Atheismo; os Dizimos abollidos, os Sacerdotes perseguidos, os Templos profanados e destruidos; a Religião despida de todos seus adornos e exterioridades, que a fazião respeitavel aos olhos do vulgar ignorante, privada de seus Ministros, apenas achou hum asilo nos

30
KS

Eu vejo nossos risonhos campos, que em outro tempo carregados de abundantes fructos recompensavão largamente os suores de seus cultivadores, eu os vejo reduzidos a campinas aridas, e desertas, não apresentando a nossas vistas, se não duros espinhos e abrolhos, e mirrados despojos dos miseraveis, que alli acabárão a triste vida, ou debaixo do cutelo dos tyrannos, ou em misero

---

corações de alguns homens de bem, que em segredo a cultivavão. Bonaparte, a quem cousa nenhuma escapa, que possa apoiallo na opinião do Publico, restabelece a Religião Christã, declarando ser a sua, e a Religião dominante da França. Mas havia muitos annos que ella era abandonada, as gerações novas não tinhão recebido suas instrucções saudaveis, e os corações huma vez formados na libertinage, e no meio da licença dos Exercitos, difficultosamente abração huma doutrina, que se opõe a suas paixões. Assim se propagava a irreligião; e a mesma politica que affectava reprovalla, a protegia. Queria-se subjugar a Europa: para isto era necessario inundalla de homens, que não respeitando alguns dos direitos da humanidade, espalhassem por toda a parte o terror, e a consternação: erão necessarios soldados, que não receando as penas futuras, o castigo de seus crimes, arrostassem denodadamente a morte. Tal he o espirito das Tropas Francezas: nós acabamos de o ver. Christãos em o nome, irreligiosos por habito e por systema, os Chefes, e os Soldados, nenhum acto de religião lhe vimos praticar: surdos á voz da consciencia, mesmo entre os braços da morte, nem ao menos procuravão reconciliar-se com o Ceo, por meio do Sacramento da Penitencia. E que viria a ser a Religião em hum Paiz dominado por homens taes? O mesmo que entre elles, hum vão nome, sem significação, sem realidade. O mesmo torpe e vil interesse que os conduz, os obriga a proscrever a Religião em os Paizes sujeitos á sua dominação. He a Religião que anima, e sanctifica as virtudes sociaes; e hum Povo verdadeiramente religioso, mal póde soffrer o jugo, que a tyrannia, o crime, e a traição lhe impõe.

Povos, respeitai sempre a Religião de vossos Pais, e vingai-a, jurando hum odio eterno aos impios que a ultrajão.

desamparo, levantando ao Ceo inexoravel magoadas queixas de sua desgraçada sorte.

Eu vejo nossas mais notaveis Villas, e Cidades, centro dos innocentes prazeres, assim como do luxo, do fausto, e das riquezas, saqueadas e roubadas pelos barbaros, não offerecendo aos olhos pasmados do viajante, senão montões de ruinas, aonde se encontrão errantes huns chorando a perda dos bens, outros a morte dos parentes, dos amigos: aqui o pai curvado com o pezo dos annos, exposto aos ultrajes do tempo, lastimando a falta do querido filho, que servia de esteio á sua cançada idade: alli o marido ferindo os ares com inuteis gemidos pela desonra da cara esposa; das innocentes filhas sacrificadas ao brutal appetite dos crueis devastadores da terra. Em toda a parte se descobrem os trofeos ensanguentados da morte; em toda a parte se ouvem os écos da dor, e da desesperação.

Já vós tremeis sem duvida á vista deste horroroso quadro. Não he que eu pertenda inspirar-vos hum terror panico. Não são vãos fantasmas, creados por huma imaginação fraca e aterrada; são realidades, de que já tendes o exemplo na infeliz Leiria, na dessolada Béja, na desgraçada Evora (1), aon-

(1) Forão as principaes Povoações saqueadas pelos Francezes, aonde elles praticárão, e principalmente em Evora, as

de nem a ferocidade dos barbaros perdoou ao tenro infante, que alegre repousava em os braços da terna mãi, que por elle implorava a vida; nem sua brutalidade respeitou as castas virgens, que em o retiro do claustro se havião consagrado ao Altissimo. Pois vede os males de que estivemos ameaçados, em castigo de nossas iniquidades, e de que a bondade infinita do nosso Deos soube livrar-nos, deixando-se abrandar por nossas lagrimas, por nossos gemidos. Lembrai-vos porém, que hum arrependimento momentaneo, e forçado á vista do perigo, não he bastante para desarmar de todo a colera Divina, se elle não he depois seguido da prática constante das virtudes. Lembrai-vos que hum Deos, que entra no mais intimo de nossos corações, não deixa levar-se de falsas apparencias. He pois absolutamente necessario

---

mais inauditas barbaridades, mostrando-se dignos do Chefe que os commandava, o cruel e infame Loison. Os velhos, as creanças, as mulheres timidas e desarmadas, forão victimas da sua raiva. Depois de abusarem das mãis com a mais torpe brutalidade, elles sacrificavão á sua vista os tenros filhos, que ainda alimentavão a seus peitos. Era tal seu furor e crueldade, que por não se demorarem em despojar de seus adornos as mulheres que encontravão, lhe cortavão as mãos e as orelhas. Sua barbaridade se estendeo até o sagrado: porque não achando mais que roubar em os Templos, pois que o Governo os havia já antes despojado de suas riquezas, elles levárão suas mãos sacrilegas aos Vasos Sagrados, lançando por terra, e pizando aos pés o Corpo Sacramentado de nosso Divino Redemptor. Eis-aqui nossos Protectores! Eis-aqui os grandes conquistadores da Europa! Que vergonha para os Povos, que supportão seu jugo!

que reformeis vossa vida, se quereis escapar á desgraça, de que já começastes a fazer o triste ensaio. Este he o preço unico da nossa felicidade; he o verdadeiro agradecimento, que Deos de nós exige por todos os seus beneficios. Em vão ajuntaremos em nossas Festividades tudo que a pompa mundana tem de mais apparatoso e elegante; em vão faremos arder diante do Throno do Altissimo suaves aromas; debalde faremos soar os ares com repetidos hymnos de alegria e acções de graças, se nossos corações não acompanhão sinceramente o que nossas bocas proferem; não somos mais do que ecos vãos, que Deos despreza, bem como os ventos, que soprão em os altos montes. Pensai que a obra da nossa liberdade está no principio, hum momento póde destruilla, e vossa desgraça he sem remedio, se não vos conformais com as vontades do Altissimo, se não trabalhais por merecer sua poderosa protecção.

Olhai, torno a dizer-vos, que vós tendes de huma parte hum Deos omnipotente, que espreita todas vossas acções; e que para attrahir suas graças, seus beneficios, he necessario que pratiqueis o que a Santa Religião vos ensina, que sigais os dictames da razão, e da justiça. De outra parte tendes hum inimigo temivel a combater, fertil em todo o genero de enganos e perfidias, que

32
145

irritado por sua ambição, e ainda mais pelas difficuldades que encontra, multiplica seus esforços para conseguir vossa escravidão; e para o vencer, he necessario que façais os maiores sacrificios. Sim, attendei-me ainda hum pouco. Até aqui vos tenho ensinado o que deveis fazer como Christãos; agora vou mostrar-vos o que deveis praticar como Cidadãos; e esta he a parte não menos importante do meu Discurso. Oxalá que eu possa excitar em vossos corações os sentimentos saudaveis, de que deve resultar sobre a terra nossa felicidade commum.

SEm Sociedade, sem Leis, sem Governo, a terra não seria outra cousa mais, do que hum cahos perpétuo de confusão, e desordem. O homem errante, vagabundo, bem como as feras no meio dos bosques, não teria segurança nem da vida, nem dos bens. Sempre em estado de guerra, fraco por si só, infallivelmente succumbiria aos repetidos ataques da inveja e da ambição; elle viria a ser ou a victima, ou o escravo de outro mais forte, ou mais astuto que elle. Assim nós recebemos da sociedade, em que vivemos; nós recebemos da Patria a vida e os bens; e quando a Patria he ameaçada, quando ella se acha em perigo, reclama seus dons; para

a salvar, nós devemos expôr por ella a propria vida, sacrificar-lhe nossos bens; he hum acto de justiça, são os sentimentos generosos, que formárão os Heroes da antiga Grecia, e Roma, que depois de tantos seculos nós admiramos ainda; que formárão nossos proprios Heroes, de cujos feitos gloriosos estão cheios os annaes de nossa Historia.

Cinzas sagradas de nossos illustres Defensores, se fosse possivel que animando-vos tornasseis a apparecer sobre este theatro de vossos feitos immortaes, qual seria vossa vergonha, qual seria vossa indignação, vendo esta mesma terra, que em outro tempo juncastes de cadaveres inimigos, aonde a morte voava diante de vossos passos, aonde arvorastes o estandarte da nossa liberdade tinto em vosso sangue; qual seria vossa indignação, vendo esta mesma terra depois laxamente calcada pelos pés agrilhoados daquelles mesmos, que trazem de vós a origem; que vos devem os mais nobres exemplos de virtude, valor, e patriotismo! Mas descançai em paz. Tal he a sorte dos Varões Illustres: mortaes, como todo o ser vivente, elles pagão á natureza o fatal tributo; mas suas acções ainda vivem, ainda fallão, ainda persuadem depois da revolução dos seculos; o tempo que consome os marmores, e os bronzes, nada póde diminuir-lhes da sua força, do seu

33
K5

esplendor. A voz de nossos Heroes, mais forte que o trovão, se faz ouvir em meio de nós, ella nos convida a seguir seus passos. Ah! e quem poderá resistir-lhe? Em toda a parte nós descobrimos os monumentos de nossa antiga gloria. Tu mesma, soberba Lisboa, encerras em teus muros os padrões de nosso antigo valor. As mesmas paredes deste sagrado Templo virão por muitas vezes nossos guerreiros, borrifados ainda do sangue inimigo, virem depôr seus loiros sobre o altar, prostrarem-se ante o Throno do Altissimo, renderem-lhe as graças das victorias, de que forão os nobres instrumentos.

Mas se tal he vossa desgraça, o que a Deos não praza, que estas idéas não excitão em vossos corações huma nobre ambição de gloria; se sois indifferentes ao opprobrio do vosso nome em todas as idades futuras, sêde ao menos sensiveis aos gritos da viuva desamparada, do orfão desvalido, da innocencia opprimida, que vos clamão vingança: olhai nossas mais florescentes Villas, e Cidades saqueadas, roubadas, tintas em o sangue dos innocentes sacrificados aos crueis furores dos barbaros: vêde nossas searas abrazadas, consumida a subsistencia do pobre (1).

---

(1) Principalmente depois da noticia do desembarque do Exercito Inglez na Figueira, cresceo a tanto a raiva dos Francezes, que lançavão o fogo ás searas, e cortavão as cepas,

Não vos podereis negar a sentimentos de dôr, que a natureza contra vós mesmos arranca de vossos peitos. Reflecti, e reflecti bem, que se succumbirdes debaixo do jugo do tyranno, nem por isso ficais exemptos dos mesmos sacrificios, que a Patria de vós exige. Vosso sangue, vossos bens hão de servir a firmar vossa propria escravidão, e a desgraça de vossas familias. Já muitos de nossos Compatriotas forão cruelmente arrancados dentre nós; e por meio de perigos, trabalhos, e miseria arrastrados aos ultimos Paizes, a sacrificarem-se pelos vís interesses do tyranno: muitos outros erão destinados a seguir igual sorte (1). Escolhei pois, ou combater pela vossa liberdade, e a felicidade de vossos

---

para fazerem o maior mal possivel ao Paiz, que se vião obrigados a evacuar. E que mais terão feito os Vandalos, os Alanos, e todos os Povos barbaros, que occupárão em outro tempo as Hespanhas!

(1) Logo que os Francezes aqui entrárão, nossos Regimentos forão desorganizados, e delles se formárão novos Corpos, que com a denominação de Legião Portugueza, composta de 10$\not{8}$ homens, marchárão para França a engrossar os Exercitos de Bonaparte. As ordens estavão passadas a Junot para aqui levantar hum grande Exercito, em que devia entrar o Clero Secular, e Regular, para *em gargalheira* seguir o mesmo destino dos primeiros. Que barbaridade! Mas tal he o sistema do tyranno. Invadindo hum Paiz, elle o esgota de dinheiro e de gente, e com isto vem sua malvada politica a conseguir dois fins; a sujeição do Paiz conquistado, a quem tira todos os meios de sacudir o jugo; e com os soccorros que dahi rouba, intenta novas conquistas. Se Nero fosse guerreiro, assim como era cruel, Bonaparte não teria a gloria de ser o inventor de tão barbara politica.

descendentes, ou pela vossa escravidão, e a causa daquelle que faz vossa desgraça. Julgo que nenhum dentre vós haverá tão insensato, que hesite hum momento sobre o partido que deve tomar. Hum grito universal soa já a meus ouvidos: *Corramos ás armas, a Patria seja salva.*

Mas aqui cumpre fazer-vos huma reflexão importante. Debalde animaria nossos corações o mais nobre enthusiasmo por nossa liberdade: sem disciplina, só capaz de fazer concorrer ao mesmo fim, de submetter a huma vontade unica tantas vontades differentes, quantas são as de que se compõe hum Exercito, o valor he quasi inutil; as mais das vezes elle vem mesmo a ser fatal a quem o emprega. Numerosos Exercitos sem ordem, sem uniformidade, se vêm obrigados a ceder diante de pequenos corpos, a quem a união multiplica as forças. São verdades que a razão demonstra, que a experiencia de todos os seculos comprova. Foi á exactidão de sua disciplina que os Romanos devêrão seus immortaes triunfos; e quem pertende igualallos, deve imitallos.

Despojai-vos pois de vossos caprichos, em beneficio da Patria, que pertendeis salvar. Ella que admira vossos sentimentos generosos, não tenha a lançar-vos em rosto huma insubordinação, que tornaria inuteis todos

os vossos esforços, augmentaria as forças de seus crueis inimigos, e a exporia a ser segunda vez sua preza. Os Chefes illustres, que vos commandão, que até aqui tem dirigido vossos passos pelo caminho da gloria, que vos ensinárão a quebrar os duros grilhões, merecem por seus talentos, honra, e valor toda a vossa confiança. Obedecei cegamente a suas ordens, vós sereis invenciveis, e nós seremos sempre livres.

Nós o seremos sempre, sim, eu fallo a Portuguezes, que forçosas circunstancias podem abater por hum momento; mas que huma vez lembrados da sua antiga gloria, da gloria dos antigos Lusitanos, mais feros depois da sua quéda, bem como o leão, quando se escapa dos laços, que o astuto caçador lhe havia armado, farão sem duvida renascer os tempos felizes, em que nossas Armas erão respeitadas, e temidas em todas as quatro partes do Mundo. Assim mo assegurão os heroicos esforços de que nossas Provincias acabão de ser o theatro. Cercadas de tropas inimigas, faltas de todos os meios, de todos os soccorros necessarios, ellas vencem tantos e tão grandes obstaculos, sacodem o jugo infame que as opprimia, e já as Quinas Portuguezas tremulando sobre as aguias abatidas, annuncião sua liberdade. Numerosos Exercitos levantados em meio da persegui-

35
KS

ção, correndo a grandes marchas em soccorro da Capital, mostrão os nobres sentimentos, de que todos são animados, o zelo, actividade, e intelligencia dos que dirigirão tão vastos planos. Benemeritos Cidadãos, a Patria reconhece vossos serviços, ella vos conta já em o numero de seus membros mais distinctos; e tempo virá, em que com justo titulo vos ponha a par dos que mais tem enobrecido seus Fastos gloriosos (1).

Trema o tyranno, o barbaro insular, que pertende lançar ferros a estas mãos, com que colheremos loiros immortaes, e reduziremos a pó seus infames trofeos. Morrão os impios, que ultrajão nossa santa Religião, a Religião que nossos Maiores forão á custa de seu sangue plantar nos ultimos climas da terra. Morrão os traidores, se desgraçadamente os ha entre nós, que indignos do nobre titulo de Portuguezes, surdos ao grito da Patria opprimida, se deixão lachamente vender aos crimes do tyranno, de quem são dignos escravos. Sua memoria seja amaldiçoada, o Sol

---

(1) Veja-se a Nota a pag. 43. Eu desejaria fazer aqui especial e honrosa menção de todos os que nesta feliz revolução tem por suas acções gloriosas adquirido justo titulo ao nosso reconhecimento. Mas além de que me faltão as memorias exactas ao tempo que isto escrevo, seria necessario encher longas paginas em huma Obra, que por sua natureza deve ser breve. O Governo justo e imparcial, que dispensa os louvores a quem os merece, não deixará de consignar seus Nomes em os Fastos da Nação.

não alumie sua descendencia, a terra lhe seja esteril (1). Juremos todos á face do Deos vivo vingar a affronta, que se nos tem feito. Juremos vingar o sangue derramado de nossos Compatriotas; elles são os martyres de nossa liberdade, suas cinzas nos devem ser sagradas. E quando por nossos peccados não possamos exterminar os vís usurpadores da nossa liberdade, juremos sepultar-nos com elles debaixo das mesmas ruinas. Morreremos, mas como Portuguezes; morreremos livres, e vingados.

Grande Deos, Deos de misericordia, abençoai nossos votos. Nós nos prostramos diante de vosso Throno, vos offerecemos nossos corações contritos e humilhados, vos rogamos que não nos desampareis, que protejais nossa causa, ella he tambem vossa: nós pertendemos vingar a Religião ultrajada, punir o crime e o vicio, que vós detestais. Nós seremos felizes; assim o (peramos, Senhor, em vossa infinita bondade.

---

(1) Não pareção estas expressões alheias de hum Discurso Christão. A cada passo se encontrão em as Sagradas Escrituras as mais horriveis imprecações, e principalmente contra os desprezadores, e inimigos da Lei de Deos, taes como devem ser considerados os Francezes, e todos os que abraçando seu partido, parecem dar assenso e approvação a suas maldades. Não he o espirito de vingança particular, que então falla, he o zelo da Religião, o amor da justiça, a fidelidade á Patria, que para bem da humanidade, desejão ver purgada a terra de tão horriveis moustros.

Monstro o mais horrivel de quantos tem infestado a terra, reconhece teus vicios, reconhece tua maldade, e treme pela vingança que te espera. Sentado sobre o Throno de teus Augustos Soberanos, que tu usurpaste, que tens manchado de crimes e horrores, só dignos de tua perversidade, não contente com vexar e assolar os Povos, que illudiste com tuas perfidias, e que laxamente se entregárão a teu despotismo e tyrannia, tu pertendes ainda fazer sentir teu jugo de ferro a todas as Nações: a idéa de sua felicidade te he pezada, e no meio de teus furores contra a humanidade, parece que só serias satisfeito, quando assolando o Mundo inteiro te visses rodeado de cinzas mudas, de cadaveres inanimados, que nenhuma resistencia podessem oppôr a teus infames caprichos. Mas o Deos que tu desprezas, tem consummado sua vingança, elle nos protege: o momento he chegado, em que tu vais servir de ludibrio a toda a terra; tua gloria vai desapparecer como o fumo. Nações generosas e guerreiras se preparão a arrancar-te do seio mesmo de teus infames defensores, e a fazerem de ti hum exemplo memoravel contra todos aquelles, que como tu ousarem nas idades futuras atropellar os direitos sagrados dos Povos, attentar contra a sua felicidade.

Augusto Principe, vosso Avô, nosso primeiro e Grande Rei Affonso Henriques, recebeo de seus Povos huma Coroa, que elle havia conquistado por seu valor, e que elles jurárão conservar-lhe, e defender. Vossos gloriosos Ascendentes vo-la transmittirão sempre mais bella, e mais brilhante, por suas virtudes, valor, e heroismo; e Vós sois seu digno herdeiro. A maior de todas as perfidias, só digna do barbaro Bonaparte, vos tinha roubado essa Coroa: porém nós cumprimos o juramento de nossos Maiores, nós vo-la restituimos tinta em nosso sangue; recebei-a de nosso amor, que vossas virtudes tem ganhado. Nós juramos manter illesos vossos direitos sagrados.

Bravos e generosos Hespanhoes, nós vos cedemos a gloria de nos terdes ensinado a conquistar nossa liberdade. Nosso reconhecimento será eterno. Vossa causa he a mesma que a nossa; contai pois com as nossas vontades. Nossos braços, nossos bens, nosso sangue servirão a firmar a vossa, e nossa independencia.

E tu, Grande Nação Britanica, ajunta aos nobres titulos, que te fazem superior a todos os Povos da terra, outro não menos brilhante, o de Protectora dos Portuguezes. A memoria de teus beneficios durará entre nós tanto, quanto nossa liberdade: e nossos

37
K5

vindouros, gozando da felicidade que se lhe prepara, não deixarão de lembrar-se de que ella foi teu dom.

Vós, meus caros Compatriotas, recebei tambem aqui a bem merecida homenagem de nossa gratidão. Nós vimos com prazer, e com pasmo vossos heroicos esforços, e generosos sacrificios: dirigiamos ao Ceo ardentes votos por vossa felicidade, e o momento suspirado veio em fim, em que forão por vossas mãos quebrados os duros grilhões que arrastavamos, e enxutas as amargas lagrimas, que vertiamos no meio da infamia e da ignominia.

E vós, Senhores, lembrai-vos sempre das importantes verdades, que tenho offerecido a vossas reflexões. Oxalá que ellas fiquem gravadas em vossos corações de hum modo tal, que o tempo jámais possa apagar tão saudaveis impressões. Olhai que vossa felicidade dahi depende. O Deos bemfeitor, que nos tornou livres e felizes, de escravos e desgraçados que antes eramos, póde outra vez lançar-nos em o abysmo, de que sua Mão poderosa nos tem salvado. Detestemos pois os loucos desatinos de huma imaginação depravada, sejamos fieis Christãos, bons Cidadãos, e honrados Patriotas, e então veremos quebrarem-se a nossos pés todas as forças dos tyrannos.

Entretanto vamos cumprir com hum dever, que a Religião igualmente com a razão nos impõe, e para que nos temos juntado em este Templo augusto. Vós, illustre Prelado, digno Ministro do Senhor, entoai o Hymno sagrado, para que unindo a vossas nossas humildes vozes, tributemos ao Altissimo as graças devidas por tantos e tão assignalados beneficios, de que eu, Senhores, vos felicito a todos.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

F I M.

BIBLIOTECA
11
MAR.
41
Nº DE REGº 2562

38
K5

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
MAR.
47